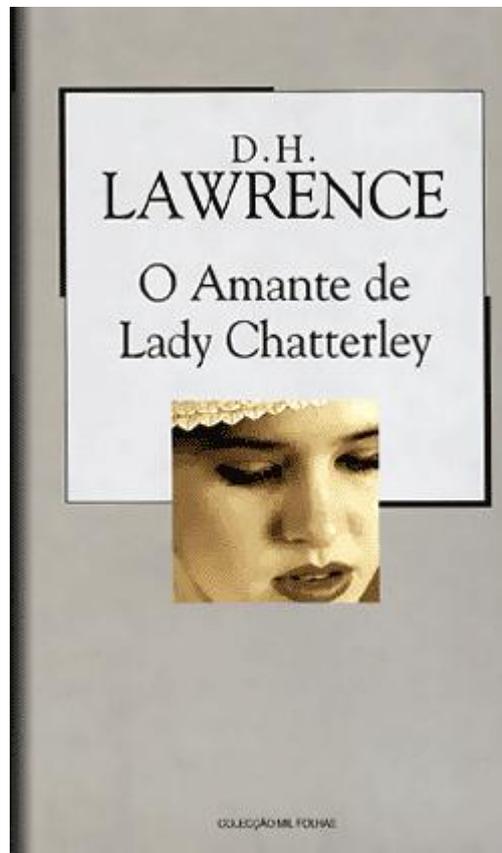


*D. H. LAWRENCE*

*O Amante de Lady Chatterley*



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Coleção Mil Folhas Público  
Título original: *Lady Chatterley Lover*  
Tradução: Maria Teresa Pinto Pereira  
Publicações Europa-América-Dezembro de 2002  
AMANTE DE LADY CHATTERLEY, O  
Autor: LAWRENCE, D.H.  
Editora: MARTIN CLARET  
Assunto: LITERATURA ESTRANGEIRA  
ISBN : 8572326642  
ISBN-13: 9798572326642  
Livro em português  
Brochura  
1ª Edição - 2006 - 342 pág.

### ***SINOPSE***

Pelo papel que conferiu à paixão amorosa, às vezes em meticolosas descrições do amor físico, o britânico D. H. Lawrence causou polêmica em sua época, porém mais tarde passou a ser visto como um dos maiores renovadores da prosa de ficção no século XX. Em 1928, radicado em Florença, Lawrence publicou seu mais célebre romance, '***O amante de Lady Chatterley***', que conheceu sucessivas proibições e cujo texto integral só veio a público em 1959, em Nova York. A obra recria as relações entre uma aristocrática inglesa, seu marido (paralítico em consequência da guerra) e seu guarda florestal - ao mesmo tempo em que defende a liberdade sexual, ataca frontalmente as convenções sociais. O romance desenvolve o tema do conflito entre a imperiosa exigência do sexo e a serenidade do amor.

1

---

<sup>1</sup> Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure [http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

### 3 - Capítulo I

A nossa época é essencialmente trágica, por isso nos recusamos a aceitá-la tragicamente. O cataclismo deu-se, estamos entre as ruínas, desatamos a construir novos pequenos *habitat*, a alimentar novas esperançazinhas. É uma tarefa difícil, já não há nenhuma estrada suave em direção ao futuro: rodeamos os obstáculos, ou passamos por cima deles. Seja qual for o número de réus que desabem, temos de viver.

Esta era, mais ou menos, a posição de Constance Chatterley. A guerra tinha sido como um teto que lhe caísse em cima, e ela compreendera que seria necessário viver e aprender.

Casara-se com Clifford Chatterley em 1917, numa altura em que ele estivera na Inglaterra a gozar um mês de licença. Tiveram uma lua-de-mel de um mês. Regressara depois à Flandres, para voltar outra vez à Inglaterra, seis meses mais tarde, mais ou menos aos poucos. Constance, a mulher, tinha então vinte e três anos e ele vinte e nove.

O apego dele à vida foi maravilhoso. Não morreu e os poucos pareceram voltar a juntar-se outra vez. Durante dois anos andou pelas mãos dos médicos. A seguir foi dado como curado e pôde voltar de novo à vida com a parte inferior do corpo, da cintura para baixo, paralisada para sempre.

Estava-se em 1920. Clifford e Constance voltaram ao lar deles, ao lar da família, Wragby. O pai de Clifford falecera, ele era agora um baronete, *Sir Clifford*, e Constance era *Lady Chatterley*.

O casal iniciou a sua vida no lar bastante delapidado dos Chatterley com um rendimento razoavelmente limitado. Clifford tinha uma irmã, mas falecera e não havia mais parentes próximos. O irmão mais velho morrera na guerra. Aleijado para sempre, sabendo que nunca poderia ter descendentes, Clifford regressou à fumacenta região dos Midlands para manter vivo, enquanto pudesse, o nome dos Chatterley.

Não se sentia realmente deprimido. Podia deslocar-se pelos seus próprios meios numa cadeira de rodas e dispunha também de uma outra cadeira de rodas com um pequeno motor: assim, podia deslocar-se devagarinho pelo jardim e pelo gracioso e melancólico parque, de que tanto se orgulhava, embora se mostrasse desprendido de tudo.

Tendo sofrido tanto, a capacidade para o sofrimento, em certa medida, acabara por abandoná-lo. Permanecia um ser estranho, animado e bem disposto. Dir-se-ia, quase, que era um ser alegre pela aparência do seu corado e saudável rosto e pelos seus olhos azul-claros, provocantes e brilhantes. Os ombros dele eram largos e robustos e fortes as mãos. Vestia-se muito bem e usava graciosas gravatas adquiridas na *Bond Street*. Mas, mesmo na sua cara, podia detectar-se o olhar atento, a leve vacuidade de um aleijado.

Estivera de tal maneira quase à beira de perder a vida, que aquilo que restava dela era para ele desmesuradamente precioso. Podia ver-se, no brilho ansioso dos seus olhos, como ele se sentia orgulhoso de si mesmo por estar vivo após tão

grande choque. Mas havia sido tão dolorosamente ferido, que algo dentro dele morreria, alguns dos seus sentimentos tinham desaparecido. Havia um vazio de insensibilidade.

Constance, a mulher de Clifford, tinha um ar de rapariga de campo, corada, com cabelo castanho e suave, um corpo robusto e movimentos lentos carregados de uma invulgar energia. Tinha uns olhos grandes e sonhadores e uma voz suave e doce. Parecia ter acabado de chegar da sua aldeia natal, mas não era. O pai de Constance era o velho *Sir* Malcolm Reid, que fora outrora bem conhecido por pertencer à Academia Real, a mãe fora um dos distintos membros da Sociedade Fabiana (1) do período florescente, mais exatamente do período pré-rafaelita.

[1. Sociedade fundada na Inglaterra em 1884 e que preconizava princípios da evolução progressiva. (N. da T)]

Criadas entre artistas e socialistas cultos, Constance e a irmã, Hilda, tinham tido o que se poderá chamar uma educação estética, mas inconvençãoal. Haviam sido levadas, por princípios artísticos, a Paris, Florença e Roma; e, com outro, haviam sido levadas à cidade da Haia e a Berlim, a grandes convenções socialistas, onde os oradores falavam em todas as línguas civilizadas e onde ninguém se sentia intimidado.

Assim, as duas raparigas, desde muito cedo, nem por sombras se manifestavam desconcertadas quer pela arte, quer pelas ideologias políticas. Essas coisas faziam parte do mundo delas. Eram ao mesmo tempo cosmopolitas e provincianas, com aquele provincianismo artístico que é compatível com os puros ideais sociais.

Aos quinze anos tinham sido mandadas para Dresda, para estudar Música, entre outras coisas, e aí passaram uns tempos muito agradáveis. Viviam livremente entre estudantes, discutiam com os homens sobre assuntos filosóficos, sociológicos e artísticos, e eram tão boas como eles, ou melhores ainda, pelo fato de serem mulheres. E palmilhavam as florestas com jovens robustos, que traziam as suas guitarras, cantavam canções de Wandervogel, e eram livres, livres! Essa a grande palavra, num mundo sem barreiras, em florestas à luz da manhã, com rapazes sadios e vozes magníficas, livres de fazerem o que queriam, e, acima de tudo, de dizer o que queriam. Era a discussão o que mais interessava; o debate apaixonado, em que o amor era apenas um mero acessório.

Ambas tiveram a sua tentadora história de amor aos dezoito anos. Os jovens com quem discutiam tão apaixonadamente, com quem cantavam e acampavam debaixo das árvores em completa liberdade, quiseram, evidentemente, relações amorosas. As raparigas estavam indecisas, mas era uma coisa de que se falava muito e parecia ser muito importante. E eles humildes e insistentes. Porque era que uma rapariga não se havia de se comportar como uma rainha e conceder as suas graças?

E assim se deram, como mulheres, cada uma ao jovem com quem tinha discussões mais sutis e íntimas. As conversas, as discussões, eram o ponto importante. A relação amorosa e a ligação eram apenas uma espécie de retorno ao

primitivo e constituíam anticlímax. Depois, gostaram menos dos rapazes, e quase sentiam um pouco de ódio, como se eles tivessem violado a sua intimidade, a sua liberdade interior. Porque, evidentemente, toda a dignidade e significado da vida de uma rapariga consistia na obtenção de uma liberdade absoluta, perfeita, pura e nobre. Que mais poderia significar a vida de uma rapariga, para além da rejeição de velhas e sórdidas ligações e emancipação de sujeições?

E, apesar de ser possível sentimentalizar, a parte sexual foi sempre uma das mais antigas e sórdidas ligações e sujeições. Os poetas que a glorificaram eram na grande maioria homens e as mulheres sempre souberam que havia algo de melhor e mais nobre. E agora sabiam-no com maior certeza do que nunca. A bela e pura liberdade de uma mulher era infinitamente mais maravilhosa do que o amor-sexo. Lamentavelmente, os homens estavam muito atrasados em relação às mulheres nesse ponto. Insistiam no ato sexual como cães.

E a mulher tinha de ceder. Um homem era como uma criança com os seus caprichos. A mulher tinha de lhe dar o que ele queria ou como uma criança tornar-se-ia provavelmente desagradável e agitar-se-ia com impaciência e estragaria o que podia ser uma ligação muito agradável. Mas a mulher podia dar-se a um homem sem que o seu eu interior livre cedesse, e a este ponto os poetas e os homens que falaram sobre o sexo não deram suficiente importância. Uma mulher podia conquistar um homem sem se traiçoar, podia tê-lo sem se submeter ao seu poder, podia usar o sexo para exercer o seu poder sobre ele. Bastava retrair-se no ato sexual e deixá-lo terminar e esgotar-se sem ela ter a sua crise. E então ela podia prolongar o ato e alcançar o orgasmo e a sua crise, enquanto ele era apenas um instrumento.

As duas irmãs tiveram a sua experiência amorosa na altura em que a guerra rebentou e tiveram de voltar apressadamente a Inglaterra. Nenhuma delas esteve apaixonada por um rapaz, a não ser que ele e ela estivessem verbalmente muito próximos, exceto quando lhes interessava profundamente falar um com o outro. A grande, espantosa, profunda e inacreditável emoção residia na discussão apaixonada com um jovem realmente inteligente, recomeçando hora a hora, dia após dia, e isto durante meses. Isso nunca elas tinham pensado que fosse possível até ao momento em que aconteceu! A promessa do Paraíso - "Terás homens com quem falar!" - nunca fora proferida. A promessa cumpriu-se antes de a conhecerem.

E, depois destas discussões vivas e revitalizantes que estimulavam a intimidade e iluminavam o espírito, o sexo tornara-se mais ou menos inevitável. Acontecia. Assinalava o fim de um capítulo. Tinha também uma emoção própria: uma estranha vibração corporal, um espasmo final de auto-afirmação, como que a última palavra, excitante, muito semelhante à linha de asteriscos que se põe para indicar o fim de um parágrafo e uma interrupção no tema.

Quando as raparigas regressaram das férias do Verão de 1913, Hilda tinha então vinte anos e Connie dezoito, o pai percebeu logo perfeitamente que elas tiveram a experiência amorosa.

*L'amour avait Passé Par là*, (1) como se costuma dizer. Mas ele próprio era um homem com experiência e permitia que a vida seguisse o seu rumo. Enquanto a mãe, uma doente nervosa, nos últimos meses de vida, queria apenas que as filhas fossem "livres" e "se realizassem". Ela nunca o conseguira, isso fora-lhe negado. Só Deus sabia porquê, porque era uma mulher que tinha o seu próprio rendimento e o seu próprio rumo. Culpava o marido, mas na realidade era devido a uma velha impressão de autoridade gravada no espírito ou na alma de que não se conseguia libertar. *Sir Malcolm*, que permitia à sua mulher nervosa, hostil e corajosa, que se ocupasse dos seus assuntos, enquanto ele seguia o seu caminho, não tinha culpa.

[1 "O amor tinha passado por lá." (N. da T)]

Assim, as duas jovens eram "livres" e voltaram para Dresda e para a sua música, para a universidade, para os rapazes. Amavam-nos e eles amavam-nas com toda a paixão da atração mental. Todas as coisas maravilhosas que eles pensavam, e diziam, e escreviam, pensavam-nas, diziam-nas, e escreviam-nas para as raparigas. O jovem de Connie era músico, o de Hilda técnico. Eles viviam exclusivamente para elas, no que respeitava a espírito e a intelecto. Noutros pontos eram um pouco repelidos, embora não o soubessem.

Era óbvio, olhando para eles, que conheciam o amor, isto é, tiveram a experiência física. É curiosa a sutil, mas inequívoca, transformação que isso provoca no corpo quer dos homens, quer das mulheres: a mulher floresce, as suas formas ficam mais redondas, as formas angulosas atenuam-se, a expressão torna-se inquieta ou triunfante; o homem torna-se mais calmo, mais interiorizado, e o contorno dos ombros e dos rins menos acentuado, mais hesitante.

As duas irmãs quase sucumbiram ao poder estranho do macho, quando sentiram no corpo a excitação sexual. Mas rapidamente se recompuseram, encararam a excitação sexual como uma sensação e continuaram livres. Os homens, gratos às mulheres pela experiência física, deram-lhes um pouco das suas almas. Depois, pareciam mais uma pessoa que perde dez tostões e encontra cinco. O jovem de Connie tinha mau feitio e o de Hilda era trocista. Mas os homens são assim! Ingratos e sempre insatisfeitos; se não são aceitos, odeiam a mulher por não os aceitar; se o são, odeiam-na por qualquer outra razão, ou por nenhuma razão, porque são crianças descontentes e nada os satisfaz, por mais que a mulher faça.

Todavia a guerra rebentou e Hilda e Connie regressaram apressadamente a Inglaterra, depois de já terem estado em casa em Maio para o funeral da mãe. Antes do Natal de 1914, os dois jovens já estavam mortos, e as irmãs choraram-nos e amaram-nos apaixonadamente, mas no fundo tinham-nos esquecido, já não existiam.

As duas irmãs viviam na casa do pai, ou, melhor, da mãe, em Kensington. Davam-se com um jovem grupo de Cambridge que lutava pela "liberdade" e defendia as calças, camisas de flanela abertas no pescoço e uma espécie de cortês anarquia emocional. Tinham uma voz sussurrante de quem fala baixo e eram ultrasensíveis. Hilda, porém, casou de súbito com um homem dez anos mais velho do que ela, dos mais velhos membros do mesmo grupo de Cambridge, um homem

com bastante dinheiro e com um bom cargo oficial, que escrevia também ensaios filosóficos. Vivia com ele numa pequena casa em Westminster e começou a freqüentar aquele tipo de sociedade do meio governamental que não é exatamente o pináculo, mas que constitui, ou, pelo menos, deveria constituir, o poder realmente inteligente da nação: pessoas que sabem do que falam, ou falam como se assim fosse.

## **8 - Capítulo II**

Connie teve um emprego de guerra e ligou-se aos intransigentes, de calças de flanela do grupo de Cambridge, que sutilmente troçavam de tudo. O seu "amigo" era Clifford Chatterley, um jovem de vinte e dois anos, que regressara apressadamente de Bona, onde estudava as técnicas da exploração mineira do carvão. Antes estivera em Cambridge dois anos e agora era primeiro-tenente num regimento de escol. Assim podia escarnecer de tudo, mais elegantemente no seu uniforme.

Clifford Chatterley era de melhor sociedade que Connie. Esta pertencia à intelectualidade próspera, mas ele era da aristocracia, não da alta, mas da aristocracia, de qualquer modo. O pai era baronete e a mãe filha de um visconde.

Mas Clifford, apesar demais educado e de melhor sociedade do que Connie, era à sua maneira mais provinciano e mais tímido. Sentia-se à vontade no seu pequeno "grande mundo", isto é, entre a aristocracia da terra, mas tímido e nervoso perante esse outro grande mundo que consiste nas hordas das classes média e baixa e dos estrangeiros. Para dizer a verdade, ele tinha um pouco de receio da humanidade da classe média e baixa e dos estrangeiros que não pertenciam à sua classe. Estava consciente da sua impossibilidade de defesa, embora possuísse a defesa do privilégio. É curioso, mas é um fenómeno do nosso tempo.

Assim, a suave autoconfiança de uma rapariga como Constance Reid fascinava-o. Ela era muito mais senhora de si mesma naquele mundo caótico do que ele.

Todavia, também ele era um rebelde, rebelando-se até contra a sua classe. "Rebelde" talvez seja uma palavra forte demais. Ele apenas partilhava da aversão geral e popular dos jovens às convenções e a qualquer tipo de verdadeira autoridade. Os pais eram ridículos, o seu ainda mais por ser obstinado. E os governos eram ridículos, e o nosso principalmente por manter uma atitude de expectativa. E os exércitos eram ridículos, assim como os antiquados generais, o mais importante de todos o corado Kjtchner. Até a guerra era ridícula, embora matasse muita gente.

De fato, tudo era um pouco ridículo, ou muito ridículo: tudo aquilo relacionado com autoridade, quer fosse no exército, no governo ou nas universidades, era muitíssimo ridículo. E, na medida

11

em que as classes dirigentes tinham pretensões de governar, eram também ridículas. O pai de Clifford, *Sir* Geoffrey, era bastante ridículo a deitar abaixo as

árvores e a expulsar os homens da mina de carvão para os mandar para a guerra, sendo ele tão prudente e patriota, e ao mesmo tempo gastando mais dinheiro do que possuía para bem da pátria.

Quando *Miss* Chatterley chegou a Londres, vinda dos Midlands, para trabalhar como enfermeira, era discretamente muito espirituosa quando falava de *Sir* Geoffrey e do seu patriotismo decidido. Herbert, o irmão mais velho e herdeiro, ria abertamente, embora fossem as suas árvores que caíssem para fazer as trincheiras da propriedade, mas Clifford só sorria, um pouco constrangido. De fato, tudo é ridículo, mas quando nos começa a tocar de mais perto tornamo-nos também ridículos... Pelo menos, pessoas de outra classe, como Connie, eram honestas em alguma coisa, acreditavam em alguma coisa.

Eram honestas em relação ao problema dos "Tommies", e à ameaça de recrutamento e à escassez de açúcar e de caramelos para as crianças. Evidentemente, que por este estado de coisas as autoridades estavam a laborar ridiculamente num erro. Mas Clifford não podia tomar isto muito a peito; para ele, as autoridades eram ridículas não por causa dos caramelos ou dos "Tommies".

E as autoridades sentiam-se ridículas e comportavam-se de uma forma bastante ridícula, e tudo aquilo pareceu durante algum tempo uma festa em casa de um louco. Até que as coisas chegaram a este ponto no continente, e Lloyd George vinha salvar a situação na ilha. Isto ultrapassava os limites do ridículo, os jovens irreverentes deixaram de rir.

Em 1916 Herbert Chatterley foi morto; assim, Clifford passou a ser o herdeiro. Até com isso ficou aterrorizado, a sua importância como filho de *Sir* Geoffrey e senhor de Wragby estava tão arraigada nele que não se podia libertar. E, apesar de tudo, sabia também que isto era ridículo aos olhos do imenso mundo em agitação. Agora era herdeiro e responsável por Wragby. Era uma situação terrível e esplêndida e, ao mesmo tempo, talvez, profundamente absurda.

*Sir* Geoffrey não compreendia o absurdo de tudo aquilo. Era

12

pálido e tenso, reservado, obstinadamente decidido a salvar o seu país e a sua posição, fosse Lloyd George quem fosse. Estava tão isolado, tão separado daquela Inglaterra que era a verdadeira Inglaterra, tão profundamente incapacitado, que tinha mesmo boa opinião de Horatio Bottornley. *Sir* Geoffrey lutava pela Inglaterra e por Lloyd George como os seus antepassados tinham lutado pela Inglaterra e por São Jorge, e nunca compreendeu que havia uma diferença. Assim, *Sir* Geoffrey deitava as suas árvores abaixo e defendia Lloyd George e a Inglaterra, a Inglaterra e Lloyd George.

E queria que Clifford casasse e lhe desse um herdeiro. Clifford reconhecia que o pai era um anacrônico incurável, mas o único ponto em que estava mais evoluído era exatamente no sentido de ridículo em relação a todas as coisas, e no imenso ridículo da sua própria posição. Porque, quer fosse desejado ou indesejado, assumiu a baronia e Wragby com a maior seriedade.

O entusiasmo alegre da guerra desaparecera. Morrera. Havia demasiada

morte e horror. Um homem precisava de apoio e de conforto, tinha necessidade de uma âncora num mundo seguro. Um homem precisava de uma esposa.

Os Chatterley, dois irmãos e uma irmã, por estranho que pareça, tinham vivido sempre isolados, fechados em conjunto em Wragby, apesar de todas as suas relações pessoais. Uma sensação de isolamento reforçara os laços de família, uma sensação de fragilidade da sua posição, de carência de defesas, apesar do título e da propriedade, ou talvez por causa disto. Viviam afastados desse Midlands industrial no qual tinham passado as suas vidas. Viviam afastados das pessoas da sua classe, pelo carácter instável, obstinado, taciturno, de *Sir* Geoffrey, o pai, de quem escarneciam, mas a quem eram muito sensíveis.

Os três tinham afirmado que viveriam sempre juntos. Mas, agora, Herbert estava morto, e *Sir* Geoffrey queria que Clifford casasse. *Sir* Geoffrey mal tocava no assunto, falava muito pouco. Mas a insistência silenciosa, melancólica, de que assim deveria ser fora para Clifford difícil de suportar.

Mas Emina disse "Não!". Era dez anos mais velha do que Clifford e sentia que o casamento dele seria uma deserção e uma traição a tudo aquilo por que tinham lutado os jovens da família.

13

Apesar disso, Clifford casou com Connie e teve o seu mês de lua-de-mel com ela. Foi no terrível ano de 1917, e viviam tão intimamente como duas pessoas que se mantêm unidas num navio prestes a afundar-se. Ele era virgem quando casou e a parte sexual não tinha para ele grande significado. Eram tão íntimos, ele e ela, independentemente disso! E Connie sentiu-se feliz com essa intimidade que estava para além do sexo, para além da "satisfação" do homem; Clifford, de qualquer forma, interessava-se menos por essa satisfação do que a maior parte dos homens. Não, a intimidade era mais profunda, mais pessoal do que isso, e o sexo era apenas um acidente, ou um complemento, um desses processos curiosamente obsoletos, orgânicos, que persistem na sua própria inépcia, mas não são na realidade necessários. Connie, porém, queria filhos, quanto mais não fosse para a proteger contra a cunhada Emina.

Mas, nos princípios de 1918, Clifford foi reenviado para Inglaterra aos poucos, e não haveria filhos. E *Sir* Geoffrey morreu de desgosto.

14

Connie e Clifford foram para Wragby no Outono de 1920. *Miss* Chatterley, indignada ainda com a deserção do irmão, tinha saído de casa e vivia num pequeno apartamento em Londres.

Wragby era uma casa comprida, baixa e antiga de pedra castanha, principiada a construir nos meados do século XVIII e sucessivamente aumentada, sem no entanto ter um estilo definido. Edificada numa elevação no meio de um parque antigo e belo com carvalhos, mas podia-se ver a pouca distância a chaminé da hulheira de Tevershall, com as suas nuvens de vapor e fumo e, na distância úmida e enublada da colina, a aldeia de Tevershall toscamente dispersa, uma aldeia que começava quase nos portões do parque e se estendia numa grande extensão

sinistra, feia e profundamente esmagadora: casas, filas de pequenas casas de tijolo, miseráveis, pequenas, enegrecidas, com telhados pretos de ardósia, com ângulos pontiagudos e de aspecto sombrio, intencional e inexpressivo.

Connie estava habituada a Kensington, ou às colinas da Escócia, ou às dunas do Sussex: esta era a sua Inglaterra! Com o estoicismo dos jovens, aceitou imediatamente a fealdade extrema, desumana dos Midlands de carvão e ferro. Era incrível, e não valia a pena pensar nisso. Das divisões sombrias de Wragby ela ouvia o chocalhar dos crivos na mina, o barulho do motor do guindaste, o estalido das camionetas em manobras e o desgarrado e enrouquecido apito das locomotivas de carvão. O silo do poço de Tevershall estava a arder havia anos, e custaria milhares para o extinguir. Por isso tinha de arder. E quando o vento soprava desse lado, o que era freqüente, a casa enchia-se do cheiro pestilento da combustão sulfurosa

15

do excremento da terra. Mas, mesmo nos dias sem vento, havia sempre o cheiro a qualquer coisa debaixo da terra: enxofre, ferro, carvão ou ácido. E até sobre as rosas do Natal se fixava a fuligem persistente e inconcebivelmente, como se fosse um maná negro de um céu maldito.

Bem, assim era, estava escrito como todo o resto. Era terrível, mas para quê resistir? Não era possível, tinha de se continuar. A vida como sempre. No céu baixo e negro da noite havia manchas vermelhas de fogo que iluminavam, oscilavam, tornando-se nítidas, cresciam e contraíam-se, como queimaduras que fazem sofrer. Eram as fornalhas. A princípio fascinaram Connie, mas sentia ao mesmo tempo pavor, tinha a impressão de estar a viver debaixo da terra, depois habituou-se a elas. De manhã chovia sempre.

Clifford dizia que gostava mais de Wragby do que de Londres. Aquela região tinha uma determinação própria, inflexível, e os habitantes eram corajosos. Connie perguntava a si mesma se teriam algo mais: olhos e espírito não tinham com certeza. As pessoas eram tão pálidas, disformes, tristes e hostis como a terra. Só na dureza do seu dialeto e no malhar das botas mineiras, ferradas, quando em grupo se arrastavam no asfalto em direção a casa vindos do trabalho, havia qualquer coisa de terrível e de misterioso.

Não houve boas-vindas para o jovem fidalgo, nem festa, nem delegação, nem mesmo uma simples flor. Somente uma viagem úmida de carro através de uma estrada sombria e úmida, que desaparecia por entre as árvores tristes e reaparecia na vertente do parque, onde carneiros cinzentos e úmidos pastavam, até chegar ao cimo do monte, onde a casa estendia a sua fachada castanha-escura e a governanta e o marido esperavam, como caseiros indecisos, prontos a balbuciar as boas-vindas.

Não havia comunicação entre Wragby Hall e a aldeia de Tevershall, nenhuma. Nem saudações, nem reverências. Os mineiros apenas olhavam, os comerciantes tiravam os bonés a Connie como a uma pessoa conhecida e baixavam a cabeça desajeitadamente a Clifford. E era tudo. Havia um abismo

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

